

# A morte em nosso tempo

## O que perdemos com o fim dos ritos



Achar que as crianças não devem ir a velórios e enterros é uma tolice que pode ter graves conseqüências psíquicas, sustenta o pesquisador e ministro de exéquias Evaristo Eduardo de Miranda, que reabriu o Ciclo de Conferências e Debates do Instituto Ciência e Fé, em Curitiba, no dia 9 de abril. Evaristo de Miranda falou sobre os significados da morte no fim do milênio e constatou o abandono dos ritos de passagem nas cerimônias de adeus.

De trinta anos para cá, diz o pesquisador, houve uma inversão de comportamento envolvendo o nascimento e a morte. — Antes o nascimento era um acontecimento misterioso, as mulheres davam à luz em quartos fechados, os homens não podiam entrar, as crianças não podiam saber; já a morte era pública, o velório era na casa do morto, o enterro saía da casa e todos acompanhavam. Por onde o cortejo passava, as pessoas iam abaixando o rádio, fazendo silêncio. Hoje os partos são filmados e os maridos não se sentem constrangidos de mostrar a fita para os amigos; já os enterros são cerimônias quase furtivas, apressadas e

impessoais. A conseqüência, diz Miranda, é a dificuldade de se preparar para a própria morte, por falta de vivência do luto. Nas crianças, haveria ainda a dificuldade de materializar a morte. Para elas, a explicação de que uma pessoa “foi embora” gera a confusão de que pode voltar.

Os símbolos religiosos foram banidos dos cemitérios, que mais parecem pastos, ironizou Evaristo de Miranda, referindo-se à moda dos cemitérios parques. As capelas onde os corpos são velados são insípidas e o comportamento dos amigos e parentes faz pensar que honrar os mortos é algo constrangedor. Por trás de tudo isso, especula, estão os valores da sociedade de consumo, voltados unicamente para a satisfação e contrários à idéia da dor.

A Igreja, diz

Evaristo de Miranda, jamais procurou consolar a família pela morte de um dos seus. Confortar, sim, mas consolar não, porque a dor da perda não tem consolo e precisa ser vivida na íntegra para que possa ser superada. Sem o luto, humano e profundo, não se dá a herança nem a redistribuição de amor. O legado dos valores espirituais, do caráter, da experiência, só é completado com a morte, diz Evaristo. É com a morte do pai que o filho incorpora definitivamente sua herança. Da mesma maneira, o amor dedicado a alguém só pode ser resgatado e redistribuído a outros se tomamos consciência, plenamente, da morte daquela pessoa.

Finalmente, se não consegue ver, tocar o morto, sofrer com sua perda, a pessoa pode acabar procurando com ele relações fantasmagóricas, insistindo em conversar com seu espírito, ver materializada, novamente, sua presença. Para Evaristo de Miranda, é isso que está acontecendo com quem procura o contato com os mortos.

